

As Casas da Enfermaria do Convento de Mafra

Mandado construir no século XVIII pelo Rei D. João V em cumprimento de um voto para obter sucessão do seu casamento com D. Maria Ana de Áustria, o Real Paço de Mafra é o mais importante monumento do barroco em Portugal.

Concebido inicialmente como um pequeno convento para 13 frades, o projecto foi sofrendo sucessivos alargamentos, acabando num imenso edifício, com c. de 40.00 m², que integra uma Paço Real, uma Basílica e um convento para 300 frades da Ordem de S. Francisco, com todas as dependências e pertences necessários à vida dos frades.

Foi preocupação de D. João V tomar para si, para além do sustento do Convento, os encargos com as enfermarias, de forma a “*prepara-las de todo o necessário de roupas, louça de estanho e cobre*”.¹

Instalaram-se, assim, três casas da enfermaria para servir a comunidade fradesca: a Enfermaria dos Convalescentes, a Enfermaria dos Noviços e a Enfermaria dos Doentes Graves, para além de uma pequena sala destinada a “*enfermaria dos doidos*”.²

A Enfermaria dos Convalescentes ficava no 3º piso do Convento. Era “*espaçosa e alegre, tendo duas ordens de janelas, uma da cimalha para cima e outra da cimalha para baixo, q por todas são 28*”³. Desta casa se saía para umas varandas que lhe ficavam anexas e onde os convalescentes tomavam sol.

A Enfermaria dos Doentes Graves situava-se no 2º piso do Convento, tendo como acesso uma porta de ligação ao Convento, permitindo assim o isolamento em caso de doenças contagiosas.

Da antecâmara desta enfermaria, uma escada conduzia directamente ao Campo Santo, local onde se enterravam os mortos após o serviço fúnebre, muita vezes realizado na Capela do mesmo nome.

Quer a Enfermaria dos Convalescentes, quer a dos Doentes Graves estavam dividida por tabiques de madeira em 16 pequenas alcovas ou “*beliches*”, cada uma com sua cama, mesa com gaveta para nela se guardar o talher e o guardanapo, um cabide para pendurar o hábito e, na reentrância formada pela

¹ In Frei Cláudio da Conceição, *Gabinete Histórico*, Tomo VIII, Lisboa, 1820.

² In Carvalho Bandeira, *Relação do Convento de Santo António de Mafra [...]*, c. 1751, Ms., colecção particular.

³ Idem.

espessura da parede, uma caixa com bacio, separada por uma cortina. Havia também em cada alcova um assento com almofada para as visitas.

Por cima de cada cama estava um painel de azulejo representando Nossa Senhora da Conceição com vários anjos e aos pés, outro, com Cristo crucificado.

Junto à cabeceira ficava pendurada uma toalha e, sobre a cama, um prego onde o médico deveria deixar um papel “*que mostre a cada enfermo os remédios, que devem tomar, as horas em que os hão de tomar, e aquelas em que devem comer, e para que o doente saiba se o enfermeiro faz o que lhe mandam.*”⁴

As alcovas eram isoladas por cortinas de chita branca.

Existia ainda uma “*serventia particular*”⁵ pela qual se tinha acesso a cada uma das alcovas, “*podendo a toda a hora o enfermeiro visitar e dar remédio a uns doentes sem incomodar os outros, entrando na enfermaria pelo portal mais próximo ao beliche do enfermo que precisa de remédio.*”⁶

Segundo os Estatutos da Província de Santa Maria da Arrábida de 1689, “*Nomeará o Irmão Ministro Enfermeyros para a sobredita enfermaria, buscando sempre os religiosos de mais conhecida religião, e caridade como para tal obra é necessário.*” Assim, assistiam na enfermaria um enfermeiro-mor, que era Religioso Leigo e mais dois Leigos enfermeiros “*que ajudam ao mor nestes ministérios.*”⁷

Anexas às enfermarias ficavam outras casas que lhes davam apoio, como a casa “*que serve para se tomarem os banhos*”⁸, a casa dos armários, onde se guardavam os frascos com as ervas e os remédios, o gabinete do médico e do cirurgião e ainda as chamadas *Casas do Fogo*, para além das celas para os enfermeiros e um pequeno refeitório.

A *Casa do Fogo* do Piso 2 servia de cozinha para os enfermos e seus enfermeiros, enquanto que na do piso térreo “*se fazem as destilações as*

⁴ In Carvalho Bandeira, *Relação do Convento de Santo António de Mafra* [...], c. 1751, Ms., colecção particular.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ In *Estatutos da Província de Santa Maria da Arrábida*, 1698, na Oficina de Miguel Deslandes Lisboa, 1698, BPNM, gb arm. 3.

⁸ Idem.

destilações necessárias e as mais preparações de remédios que dependem de se fazer ao fogo.”⁹

Os remédios preparados na botica, verdadeiro laboratório farmacêutico do séc. XVIII, eram elaborados a partir de ervas e raízes provenientes da cerca do convento, seguindo provavelmente a *Bibliotheca pharmaceutico-Medica* de Jo Jacobi Mangeti datada de 1704 ou a *Pharmacopeia Tubalense Chimico-Galenica* publicada em 1735, ambas obras de referência na farmacopeia da época e existentes na Biblioteca de Mafra.

Abóbora, erva doce, hortelã, sementes de melão, vinagre, cera, resina, açúcar e mel eram pesados e moídos nos almofarizes pelo irmão-boticário, responsável pela preparação das receitas dos médicos. No museu existem ainda alguns exemplos de receitas conventuais do séc. XVIII, bem como diversos utensílios utilizados na preparação dos medicamentos e uma colecção de potes e canudos onde estes se guardavam.

Não havia médico ou cirurgião instalados no Convento, mas apenas na vila de Mafra de onde se não podiam ausentar sem autorização do Guardiã do Convento.

Tinham como obrigação visitar o convento de manhã e de tarde, houvesse ou não doentes, como conta Carvalho Bandeira: *“Já q neste lugar falamos de Médico e Cirurgião será efeito das nossa curiosidade o de lavramos as suas obrigações e o q recebem pelo seu trabalho. Advertete-se que é o sangrador distinto do cirurgião. O médico tem de partido cada um ano 200\$000. O de Torres [Vedras], q é chamado para algumas juntas q são precisas, recebe todos os anos 30\$000. O cirurgião tem de partido 80\$000 cada ano, e o sangrador 50\$000. [...] Têm obrigação os 3 assistentes de irem todos os dias ao Convento de manhã e de tarde, sem faltarem e no caso de serem compreendidos em algumas faltas sem justificadas causas, são multados nos seus salários [...] Os seus pagamentos são feitos à custa da Fazenda Real e satisfeitos com muita prontidão.”¹⁰*

A sua chegada ao convento era marcada pelo toque de um sino colocado junto à entrada da enfermaria. O médico tocava quatro badaladas e o cirurgião três,

⁹ In Frei Cláudio da Conceição, *Gabinete Histórico*, Tomo VIII, Lisboa, 1820.

¹⁰ In Carvalho Bandeira, *Relação do Convento de Santo António de Mafra [...]*, c. 1751, Ms., colecção particular.

as quais serviam para chamar o enfermeiro e avisar os frades que os quisessem consultar. O sangrador era também obrigado a vir duas vezes ao dia para saber se havia alguém para sangrar.

O sino da enfermaria era vulgarmente chamado o *sino da agonia*, pois tocava também sempre que algum dos irmãos estava próximo da morte.

Com o passar do tempo, o número de frades no Convento foi diminuindo, sendo a *Enfermaria dos Convalescentes* transformada em Capela ao tempo de D. João VI e como tal se mantendo até hoje, permanecendo apenas a *Enfermaria dos Doentes Graves* que aqui convidamos a visitar.

Isabel Yglesias de Oliveira/Maria Gabriela Cordeiro/Maria Fernanda Santos
(Técnicas Superiores)

Palácio Nacional de Mafra 2008